

DESCARTES E LOCKE: POSSIBILIDADES, LIMITES E ALCANCE DO CONHECIMENTO HUMANO

Queith Rebouças Meneses Brito*

Resumo: Pretende-se apresentar, neste trabalho, uma análise sucinta das principais ideias dos filósofos René Descartes e John Locke, presentes em suas obras mais significativas, respectivamente: *Discurso do Método* e *Ensaio acerca do entendimento humano*, tendo em vista que nelas se encontram reflexões importantes sobre a origem, as possibilidades, os limites e o alcance do conhecimento humano, as quais fundamentaram a construção da teoria do conhecimento e da visão de mundo moderna.

Palavras-chave: Descartes. Locke. Teoria do Conhecimento. Visão de Mundo Moderna.

Introdução

Os séculos XV e XVI podem ser caracterizados como o período das profundas transformações da sociedade europeia nas esferas sócio-política, cultural, religiosa e científica, inaugurando uma nova era do pensamento humano. Com a supervalorização do racionalismo, houve a busca pela liberdade de o homem usar a razão a fim explicar a natureza, o universo e a si próprio, desprendendo-se da perspectiva puramente religiosa, ou seja, de qualquer tradição.

Neste sentido, para o novo homem que surgia, o domínio do conhecimento, da criatividade e a exploração de outros mundos era algo ao alcance de suas mãos. Ele também passou por uma evolução psicológica ao absorver um espírito de individualismo audacioso, assumindo uma atitude de rebeldia perante a tradição, e criatividade implacáveis. Na verdade, era necessário que este novo homem se constituísse para dar conta da nova era, a era moderna, marcadamente científica e tecnológica, a qual passou a ter a ciência como autoridade intelectual e única juíza e guardiã da visão cultural do mundo (Cf. TARNAS, 2001).

* Professora da rede pública estadual do município de Anagé/Bahia. Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atualmente, estudante do curso de licenciatura em Filosofia/PARFOR/UESB. E-mail: queith.lirios@gmail.com.

A partir do século XVII, dá-se a culminância de um processo em que o homem transformou radicalmente o modo como ele compreendia a si e o mundo. A burguesia emergente define o surgimento de uma nova realidade cultural. O embasamento matemático para alicerçar as ciências físicas, cujas descobertas fizeram o homem perceber os enganos cometidos durante vários séculos, acerca da realidade conhecida, provocou uma nova relação do homem com a natureza. É justamente neste contexto de frutíferas revoluções sócio-culturais, científicas e filosóficas que surge a teoria do conhecimento, pois os filósofos se despertaram para a preocupação com os fundamentos, as possibilidades, os limites e o alcance do conhecimento humano. Ao abandonar as explicações religiosas ou metafísicas, agora consideradas como algo de pouco valor; e, abraçando o humanismo secular e o materialismo científico, novas bases precisaram ser descobertas para justificar a construção do conhecimento.

São autores dessa revolução epistemológica: Descartes, Bacon, Leibniz, Espinoza, Locke, Berkeley e Hume. Contudo, serão abordadas neste trabalho, apenas as contribuições de Descartes e Locke para a formação do sujeito moderno e de sua visão de mundo, bem como a compreensão acerca do conhecimento humano. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, considerando as principais obras destes filósofos, respectivamente: *Discurso do Método* e *Ensaio acerca do Entendimento Humano*.

Descartes e a laicização da cultura ocidental

René Descartes (1596-1650), filósofo francês, também conhecido por seu nome latino Cartesius, é o principal representante do racionalismo e considerado universalmente como o “pai da filosofia moderna”. De acordo com Batista Mondin (1980, p. 263), cabe a ele o mérito de contribuir com a caracterização da filosofia em quatro aspectos: autonomia da filosofia com relação à teologia; direção gnosiológica ante a metafísica, já que o primeiro e maior problema a resolver é a questão do conhecimento, seu valor e contribuição; a ênfase no método, cuja finalidade é dar

segurança e rigor à pesquisa filosófica; e a atenção dada ao homem, o antropocentrismo.

Dentre as suas obras, o *Discurso do método*, *Meditações metafísicas* e *Princípios de filosofia* são as que melhor expressam sua preocupação em resolver o problema do conhecimento, de como apreendê-lo sem cometer erros. Inspirado nos ideais de sua época – marcada pela ebulição da ciência e pelo descrédito das autoridades eclesiásticas –, e na paixão pela matemática, a qual continha os elementos exatos (da álgebra à geometria), capazes de conduzir às certezas inabaláveis, Descartes esmera-se em buscar a verdade. No entanto, a busca pela verdade primeira, que não poderia ser posta em dúvida, o conduziu a fazer da própria dúvida um caminho para a verdade, ou seja, ele converte a dúvida em método:

Começa duvidando de tudo, das afirmações do senso comum, dos argumentos da autoridade, do testemunho dos sentidos, das informações da consciência, das verdades deduzidas pelo raciocínio, da realidade do mundo exterior e da realidade de seu próprio corpo (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 104).

A dúvida metódica foi a maneira encontrada pelo filósofo para enfrentar o desafio da dúvida que compunha a paisagem cultural de sua época. O conjunto de dúvidas só se interrompe quando Descartes fica diante de seu próprio ser e, quando isso ocorre, a dúvida transforma-se em primeira certeza, o primeiro princípio da nova filosofia:

Porém, logo em seguida, percebi que, ao mesmo tempo que eu queria pensar que tudo era falso, fazia-se necessário que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, ao notar que esta verdade: *eu penso, logo existo*, era tão sólida e tão correta que as demais extravagantes suposições dos cétricos não seriam capazes de lhe causar abalo, julguei que podia considerá-la, sem escrúpulo algum, o primeiro princípio da filosofia que eu procurava (DESCARTES, 1999, p. 62).

Ao enfatizar a relação do “eu” cartesiano, *res cogitans* (substância espiritual) ou sujeito pensante, com sua realidade corpórea enquanto *res extensa* (coisa extensa,

material), Descartes põe em relevo o lugar do homem como ser autônomo e capaz de se explicar à luz da razão que o constitui, fundando o subjetivismo moderno.

Com Descartes, portanto, estabelece-se uma mudança radical de perspectiva. É o que poderíamos chamar de subjetivismo moderno, em confronto com o objetivismo grego e medieval. Esse subjetivismo vai marcar todo o pensamento moderno e vai abrir um espaço para o homem se manifestar a si mesmo, nem que seja para encontrar os limites da própria grandeza (LARA, 2001, p. 39).

Além disso, Descartes apresenta o conhecimento como algo resultante do próprio ato de pensar, indicando, assim, sua concepção inatista. O inatismo aqui não significa que os homens já nascem com as ideias, mas sim que elas provêm do próprio ato de pensar.

Após definir a existência indubitável do ser que pensa, ele distingue diversos tipos de ideias, percebendo que algumas são duvidosas e confusas e outras claras e distintas. Estas últimas, a clareza e a distinção, serão a base de seu método para alcançar a verdade, pois resultam da intuição, a qual, segundo ele, “[...] é uma das duas únicas formas de conhecimento isentas de erro” (MONDIN, 1981, p. 67). A outra forma é a dedução. Por isso, o método de Descartes é classificado como intuitivo-dedutivo.

Vale salientar que, na segunda parte do *Discurso do método*, o autor expõe a descoberta do método e também as suas regras principais: 1) nunca aceitar como verdadeiro o que não for conhecido claramente como tal; 2) dividir cada uma das dificuldades encontradas em quantas partes forem possíveis, a fim de melhor solucioná-las; 3) conduzir com ordem os próprios pensamentos, indo dos mais simples até chegar, gradualmente, aos compostos; e 4) efetuar relações metódicas tão completas e revisões gerais, a partir das quais se esteja certo de nada ter sido omitido. Acerca destas regras, Mondin (1981) afirma que alguns estudiosos costumam designá-las como intuição, análise, síntese e enumeração.

Descartes acreditava de tal modo na infalibilidade de seu método, que chega a revelar o seu propósito de aplicá-lo não apenas aos conhecimentos matemáticos, mas também aos conhecimentos filosóficos e de outras ciências:

[...] o que mais me satisfazia nesse método era o fato de que, por ele, tinha certeza de usar em tudo minha razão, se não à perfeição, ao menos o melhor que eu pudesse; ademais, sentia, ao utilizá-lo, que meu espírito se habituava pouco a pouco a conceber mais nítida e distintamente seus objetos, e que, não o havendo sujeitado a nenhuma matéria em especial, prometia a mim mesmo empregá-lo com a mesma utilidade a respeito das dificuldades das outras ciências como fizera com as da álgebra. Não que me atrevesse a empreender primeiramente a análise de todas as que se me apresentassem, pois isso seria contrário à ordem que ele prescreve. Porém, havendo percebido que os seus princípios deviam ser todos tomados à filosofia, na qual até então não encontrava sequer um que fosse correto, pensei que seria preciso, em princípio, tentar ali estabelecê-los [...] (DESCARTES, 1999, p. 52).

Outro aspecto importante na obra de Descartes é a sua busca, como bom católico, por provar a existência de Deus. Para tanto, aponta como princípio as ideias claras e distintas, as quais ele afirma serem verdadeiras e frutos da inteligência do homem, um ser criado por Deus. Desta forma, se o ser humano tinha a ideia de perfeição, era porque ele não era perfeito, sendo assim, havia o que era perfeito: Deus. Posteriormente, em algumas partes da obra *Meditações*, ele apresenta provas da existência de Deus baseadas na causalidade, como a que diz que somente existindo Deus – um ser perfeito e infinito – pode-se ter certeza da existência de um ser pensante finito e imperfeito. Além desta, reformula o argumento ontológico – forjado por Santo Anselmo na Idade Média – a partir de sua perspectiva estritamente racional, mostrando a relação entre duas substâncias: a *res infinita* (Deus) e a *res cogitans* (o pensamento), o que equivale a dizer que a prova de que Deus existe é a existência da ideia de Deus na mente humana. Diante do exposto, Tarnas (2001) observa que as ideias de Descartes provocaram uma “revolução copernicana teológica”, pois seu “[...] método de raciocínio mostrava que a existência de Deus era estabelecida pela razão humana e não o contrário”.

Desta forma, é possível verificar que Descartes firmou a filosofia moderna, partindo de sua tendência racionalista, através da qual a sociedade sedenta por novos fundamentos e valores encontra na razão uma base sólida. Consequentemente,

agilizou o processo de laicização da cultura ocidental, bem como viabilizou uma compreensão mecanicista e objetiva de homem e de universo.

A Educação sob o prisma cartesiano

Como não poderia ser diferente, o racionalismo cartesiano influenciou de modo significativo a Educação, ao enfatizar o caráter eminentemente subjetivo do conhecimento, instituindo a razão como único instrumento possível de compreender e representar a realidade. Quando centra o questionamento filosófico no sujeito cognoscente, sem reduzir o homem a puro espírito, Descartes valoriza a essencialidade da alma em contraste com o corpo, uma vez que a relação sujeito/objeto se dá de maneira autônoma, baseada na dicotomia entre substância espiritual (*res cogitans*) e substância material (*res extensa*). Com isso, ele motiva o surgimento de uma linha antropológica bastante idealista (Cf. LARA, 2001, p. 39-40).

A pedagogia do século XVI e XVII é marcada por este racionalismo idealista que aponta o homem como ser capaz de compreender a si e o mundo por sua própria razão, desde que siga um método eficaz para o alcance da verdade, cada vez mais científica. Neste caso, fica evidente a contribuição do método cartesiano, o qual dará as bases para a nova didática, já que o saber passou a ser visto como um conjunto de regras a ser seguidas. Assim, se há método para conhecer corretamente, deve existir método para ensinar de forma mais rápida e segura. Esse é o ideal que motivou João Amós Comênius (1592-1670) a elaborar uma obra fecunda e sistemática, da qual se destaca a Didática Magna, com o propósito de tornar a aprendizagem eficaz e atraente (Cf. ARANHA, 1989).

Além disso, as transformações ocorridas durante o Renascimento, principalmente a ascensão da burguesia, mudaram a visão européia de família e de infância. A preocupação e o interesse pela educação, sobretudo das crianças pertencentes à nobreza e burguesia, aumentaram, pois a intenção passou a ser preparar estas pessoas para assumirem a política e a administração dos negócios. Consequentemente, houve uma reformulação dos ideais e dos conteúdos das obras

educacionais. Vale salientar que Descartes, com seu espírito contestador, apontou as falhas da educação que recebera, expressando sua decepção com o conteúdo do ensino ministrado no colégio La Flèche, como ele mesmo narra no *Discurso do método*, ao falar sobre o seu processo de formação.

Fui instruído nas letras desde a infância, e por me haver convencido de que, por intermédio delas, poder-se-ia adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida, sentia extraordinário desejo de aprendê-las. Porém, assim que terminei esses estudos, ao cabo do qual costuma-se ser recebido na classe dos eruditos, mudei totalmente de opinião. Pois me encontrava embaraçado com tantas dúvidas e erros que me parecia não haver conseguido outro proveito, procurando instruir-me, senão o de ter descoberto cada vez mais a minha ignorância. E, contudo, estudara numa das mais célebres escolas da Europa, onde imaginava que devia haver homens sábios, se é que havia em algum lugar da Terra. Aprendera aí tudo o que os outros aprendiam, e mesmo não havendo me contentado com as ciências que nos ensinavam, lera todos os livros que tratam daquelas que são reputadas as mais curiosas e as mais raras, que vieram a cair em minhas mãos (DESCARTES, 1999, p. 37-38).

Embora reconhecesse o valor dos estudos que fizera em uma das melhores instituições educacionais da França – La Flèche –, com ousadia e cuidado, mostrou que, ao privilegiar o estudo das letras ou humanidades e rejeitar os estudos científicos em nome da tradição e da autoridade, o método de ensino não conduzia à verdade. Por isso, abandonou as letras e partiu para o estudo dos conhecimentos matemáticos, a partir dos quais construiu seu próprio método.

Neste sentido, a crítica feita por Descartes ao ensino de sua época vale, também, para os tempos atuais, uma vez que o currículo escolar ainda não atende às reais necessidades dos alunos e da sociedade. Por outro lado, a maturidade intelectual do filósofo citado evidencia a urgência de uma mudança radical no sistema educacional contemporâneo, especialmente no brasileiro, tendo em vista que ele não tem alcançado a meta de formar cidadãos críticos e autônomos. Basta observar o despreparo da maioria dos estudantes que concluem o ensino superior, os quais demonstram uma postura submissa frente aos conhecimentos estudados, sendo meros repetidores, do que uma postura crítica e criadora.

Na verdade, muitos são os ensinamentos que podem ser encontrados na obra de Descartes e aplicados à educação, mas, sem dúvida, a concepção de homem como ser pensante e responsável pela construção do conhecimento e o seu método de busca da verdade foram determinantes para o estabelecimento de uma nova forma de pensar, interpretar e agir sobre a realidade, servindo de alerta para os educadores e cidadãos refletirem acerca de questões ainda desafiadoras para o século XXI, tais como: o compromisso com a verdade, a finalidade do saber e o real sentido da Educação e das instituições de ensino, como instrumentos de emancipação do ser humano, já que através dos estudos deve-se oportunizar o cultivo de um espírito crítico e capaz de lidar com os problemas de seu tempo, com vistas à transformação social.

Locke e linguagem como instrumento do discurso científico

John Locke (1632-1704) nasceu em Wrington, uma cidade do condado de Somerset, perto de Bristol, na Inglaterra, no dia 29 de Agosto de 1632. Descendente de uma família de burgueses comerciantes, era o primogênito. Seu irmão mais novo veio a falecer precocemente. Em 1652, o jovem Locke terminou seus cursos secundários na Westminster School, para então ingressar no Christ Church de Oxford, uma das mais conceituadas instituições de ensino superior da Inglaterra, graduando-se em 1655. Recebeu o bacharelado e obteve, em 1658, o título de Mestre em Artes, tornando-se preceptor nessa mesma faculdade e lente de língua grega e de retórica. A partir de 1658, ele começa a interessar-se pelo estudo das ciências naturais e pelo estudo da medicina, a qual se tornou sua atividade profissional.

Locke valorizou e vivenciou bastante a sua época, estando sempre engajado nos debates políticos, filosóficos e religiosos, razão pela qual os seus escritos se constituíram como um diálogo com as pessoas e as concepções de seu tempo. No dia 27 de outubro de 1704, ele veio a falecer, em seu gabinete, no castelo de Oates, local onde passou mais tempo de sua vida, tendo como companheiros constantes os livros. Foi enterrado em High Laver como fidalgo.

John Locke é o segundo expoente da filosofia inglesa no século XVII. Assim como seu contemporâneo Thomas Hobbes (1588-1679), interessou-se pelos problemas gnosiológicos e políticos, embora não tenha compartilhado com seu predecessor nem o empirismo radical nem o absolutismo irreversível que lhe eram característicos (Cf. MONDIN, 1981, p. 101).

Tornou-se reconhecido pela contribuição como teórico do liberalismo e, por ter participado do processo revolucionário da Inglaterra, foi considerado “o pai do liberalismo”. Investiu nas pesquisas do conhecimento experimental, da tolerância e, sobretudo, nas lutas pela divisão do poder. Além de ter exercido importante papel na discussão sobre a teoria do conhecimento, tema que ganhou destaque no pensamento moderno a partir de Descartes.

Uma das obras mais significativas de John Locke é *Ensaio acerca do entendimento humano*, o qual se compõe de quatro partes, abordando respectivamente as ideias inatas, o processo do conhecimento, a linguagem e o valor do conhecimento. O objetivo principal do livro consiste em descobrir os elementos que constituem o conhecimento, suas origens e processo de formação, bem como sua extensão.

No Livro I – *Nem as ideias nem os princípios são inatos* –, ele faz uma forte crítica à doutrina cartesiana das ideias inatas, por entender que a mesma não tinha fundamentos sólidos, uma vez que contradiz a experiência; não podia ser averiguada como falsa ou verdadeira, pois não há como confrontá-las com a experiência; e o fato de os argumentos que fundam a teoria inatista não terem valor provável. Ao elaborar sua teoria acerca do conhecimento humano, na verdade, o filósofo o faz a partir da leitura da obra de Descartes. Porém, diferente deste, abandona o caminho da lógica e escolhe a psicologia.

Para Locke, a mente humana é *um* “papel em branco” – uma tabula rasa – e todas as ideias se originam de duas fontes: a sensação e a reflexão. No Livro II – *As ideias* –, capítulo I, ele diz: **2. Todas as ideias derivam da sensação ou reflexão.** Suponhamos, pois, que a mente é, como dissemos, um papel em branco, desprovida de todos os caracteres, sem nenhuma ideia; como ela será suprida? De onde lhe provém este vasto estoque, que

a ativa e ilimitada fantasia do homem pintou nela com uma variedade quase infinita? De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra: da experiência. Todo o nosso conhecimento está nela fundado, e dela deriva fundamentalmente o próprio conhecimento. Empregada tanto nos objetos sensíveis externos como nas operações internas de nossas mentes, que são por nós mesmos percebidas e refletidas, nossa observação supre nossos entendimentos com todos os materiais do pensamento. Dessas duas fontes do conhecimento jorram todas as nossas idéias, ou as que possivelmente teremos (LOCKE, 1999, p. 57).

A partir de sua exposição, percebe-se que o conhecimento humano só começa e sobrevive com a experiência, tendo como bases a sensação e a reflexão anteriormente citadas. A primeira resulta dos sentidos e a segunda consiste na percepção da alma em relação àquilo que nela ocorre. Nesta perspectiva, a reflexão refere-se à experiência interna – quando a mente faz uma reflexão acerca de suas próprias operações (o querer, a percepção, o duvidar, etc.) –, que provem da experiência externa – quando os sentidos levam para a mente as ideias (amarelo, branco, frio, quente, etc.) obtidas dos objetos.

Para o filósofo inglês, o estágio da reflexão é fundamental, pois através dele o ser humano atinge o conhecimento de todas as coisas, sobretudo porque é fruto das experiências sensíveis. E, já que não há ideias inatas, só se conhece aquilo que é percebido e registrado primeiramente pelos sentidos.

Conforme Mondin (1981), Locke distingue quatro fases do processo cognitivo: a) a intuição – que engloba as ideias simples (primárias e secundárias) e as ideias complexas; b) a síntese – momento em que se combinam as ideias simples e as complexas; e c) a análise – que trata da formação de ideias abstratas mediante a análise de várias ideias complexas. Esta ideia abstrata não representa a essência de todas as coisas, já que a essência é incognoscível, mas, por conter elementos comuns, consegue deixar uma impressão mais profunda na mente. O filósofo admite que o homem pode ter ideias claras das substâncias particulares, mas não da substância em geral, pois ela é uma ideia abstrata mais profunda.

O Livro III – *Palavras* – trata das palavras, seus sons, significados, classificações, imperfeições, ou seja, da linguagem em geral, que é um instrumento essencial para a construção dos discursos e para a expressão das ideias.

Segundo Cavalcanti (2009), o Livro IV – *Conhecimento e opinião* – apresenta as ideias como materiais do conhecimento, bem como explicita os graus de conhecimento humano (intuitivo e demonstrativo) e a sua extensão, destacando que o conhecimento racional é mais limitado do que as ideias. Dentre outras afirmações de Locke, está neste último livro a divisão das ciências em física (a natureza de todas as coisas), prática (as medidas tomadas pelos homens para alcançar seus objetivos) e lógica (que orienta como utilizar os sinais para transmitir o conhecimento aos outros).

Acerca de Deus, Locke prova a sua existência mediante a própria existência humana, argumentando que qualquer pessoa sabe intuitivamente que o nada não pode gerar alguma coisa e, se esta existe, é porque antes dela sempre existiu quem é capaz de criá-la – Deus. Seu argumento é, assim, classificado como cosmológico.

Face ao exposto, compreende-se que a principal meta de Locke foi combater as ideias inatas, confrontando-as com as adquiridas, tendo em vista que o conhecimento é resultado das experiências, não havendo, portanto, conhecimento na mente humana que não tenha passado pelos sentidos. Além de que procura elucidar a importância das palavras para a expressão do conhecimento humano e demonstrar que os subsídios para a construção do conhecimento verdadeiro estão na realidade concreta e não apenas na razão.

A metáfora lockiana da “tabula rasa” e suas implicações na Educação

O pensamento lockiano será determinante para fundamentar a política e a educação moderna inglesa, alcançando posteriormente outros espaços e outras épocas. Contrapondo-se ao racionalismo idealista de Descartes, Locke defende o racionalismo empirista, segundo o qual a experiência é decisiva para a construção do conhecimento, não havendo, portanto, ideias inatas. Deste ponto decorre sua metáfora da “tabula rasa”, ou seja, da mente humana como uma “folha em branco”,

em que não há nenhuma impressão, pois esta surgirá somente com a experiência sensível. Na verdade, a metáfora refere-se aos conhecimentos transmitidos do mestre (professor) ao seu aluno e influencia a pedagogia não apenas de seu tempo, mas até hoje se faz presente em vários aspectos do processo pedagógico de muitas escolas. O olhar recai sobre o papel do educador como aquele que é capaz de proporcionar experiências que conduzam as crianças a usar corretamente a razão.

Ao valorizar a educação das crianças, Locke o faz motivado pelas necessidades políticas e sociais de uma burguesia que desejava conquistar o poder. A educação tornou-se essencial para a formação dos futuros dirigentes e administradores, o que requeria a presença constante do professor, agindo sobre a mente da criança. A questão da disciplina tornou-se fundamental para ajudar o aluno a se afastar de seus desejos e inclinações para seguir o que a razão define como certo. Nesta perspectiva, sua proposta educacional voltou-se para a formação do caráter. Por isso, teve a preocupação de envolver os pais neste processo, elaborando uma série de recomendações acerca da educação das crianças.

Para Locke, o desenvolvimento do indivíduo em seus aspectos físico, moral e intelectual é algo basilar. A partir de seus conhecimentos na área médica, por exemplo, dá-se a valorização do corpo, destacando a educação física como promotora da saúde, bem como as atividades lúdicas e o uso de materiais visuais para a efetivação da aprendizagem. Não é à toa que a escola contemporânea contempla a educação física em seu currículo e procura realizar atividades lúdicas, bem como utilizar os meios visuais e audiovisuais para despertar nos alunos o gosto pelo saber.

Considerações finais

Tecer reflexões acerca da modernidade exige que se lance o olhar sob as duas correntes filosóficas que definiram a construção da teoria do conhecimento e, conseqüentemente, de uma nova visão de mundo e de homem: o racionalismo e o empirismo. Enquanto o racionalismo vigorou na Europa, com René Descartes, o empirismo foi o mote filosófico da Inglaterra, com John Locke. Ambos foram os

pensadores que mais se dedicaram, diante das exigências e desafios de seu tempo, a descobrir um caminho seguro para se alcançar a verdade, respondendo os questionamentos acerca da origem do conhecimento, de suas implicações e possíveis amplitudes.

As duas correntes filosóficas, embora distintas e contrapostas, uma vez que o racionalismo sustenta a razão como única via para se atingir as verdades universais, e o empirismo afirma ser a experiência o ponto de partida para a busca da verdade – cujo caráter universal e absoluto é questionável –, são inegavelmente fundamentais para o surgimento de uma nova cultura ocidental.

Neste contexto, as obras de Descartes e Locke dão um forte impulso à ciência. Esta se constitui como caminho seguro para o conhecimento verdadeiro, na medida em que considera a razão e a experiência sensível como fontes de investigação. No entanto, nem o racionalismo nem o empirismo, apesar dos grandes progressos que incitaram, deram conta de resolver as questões basilares acerca do conhecimento humano, sendo elas motivos de constantes discussões nos séculos seguintes até a contemporaneidade.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2003.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

BATISTA, Gustavo Araújo. **John Locke: sua biografia, sua personalidade, sua época, sua filosofia e pedagogia e sua proposta curricular**. Disponível em: <<http://proferlao.pbworks.com/f/JOHN+LOCKE+SUA+BIOGRAFIA,+SUA+PERSONALIDAD E.pdf>>. Acesso em: 17 Ago. 2011.

CAVALCANTI, Afonso de Sousa. John Locke, Ensaio acerca do entendimento humano. **Diálogos & Saberes**, v. 5, n. 1, 2009, p. 157-161 (Resenha). Disponível em: <<http://www.fafiman.br/seer/index.php/dialogosesaberes/article/viewFile/69/35>>. Acesso em: 29 Ago. 2011.

COBRA, Rubem Q. **John Locke**. Disponível em: <www.cobra.pages.nom.br>. Brasília, 1998. Acesso em: 17 Ago. 2011.

DESCARTES, René. **Discurso do método, As paixões da alma, Meditações**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).

GUIMARÃES, Gilma. **Descartes**: contribuições à educação. Humanidades em Foco: Revista de Ciência, Educação e Cultura. Ano 3, nº 5, Abr/Mai/Jun de 2005. Disponível em: http://terra.cefetgo.br/cienciashumanas/humanidades_foco/anteriores/humanidades_5/html/fil_descartes.htm>. Acesso em: 29 Ago. 2011.

LARA, Tiago Adão. **Curso de história da filosofia**: a filosofia ocidental do renascimento aos nossos dias. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).

MONDIN, Batista. **Introdução à filosofia**: problemas, sistemas, autores, obras. São Paulo: Paulus, 1980.

_____. **Curso de filosofia**. 8 ed. São Paulo: Paulus, 1981, v. 2.

SOUSA, Sônia Maria Ribeiro de. **Um outro olhar**: filosofia. São Paulo: FTD, 1995.

TARNAS, Richard. **A epopéia do pensamento ocidental**: para compreender as idéias que moldaram a nossa visão de mundo. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

